

Agente Autorizado, *Habitus* Linguístico e Mercado Linguístico: a Dinâmica do Momento Kairológico em Pierre Bourdieu

Authorized agent, language *habitus* and language market: the kairolological moment dynamics in Pierre Bourdieu

Alexcina Oliveira Cirne

(Universidade Católica de Pernambuco, Brasil)

Karl Heinz Efken

(Universidade Católica de Pernambuco, Brasil)

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre a concepção de agente autorizado, *habitus* linguístico, mercado linguístico e o *kairós* como momento de síntese estruturado pelas relações do acúmulo dos bens simbólicos e o(s) campo(s) de interação no mercado linguístico. Nesta seara, Pierre Bourdieu (1983; 2001; 2008; 2009; 2010; 2013) reflete sobre as questões do *kairós* — a mira do alvo, o momento adequado — da interação no campo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que visou, através dos referenciais teóricos bourdesianos, a discutir a complexidade do direito a voz em espaços sociais.

Palavras-chave: Mercado Linguístico. Discurso. *Habitus* Linguístico. Poder. Interação.

Abstract

The aim of this paper is to reflect on the conception of authorized agent, linguistic *habitus*, linguistic market and *kairós* as a moment of synthesis structured by the relations of the accumulation of symbolic goods and the field (s) of interaction in the linguistic market. In this field, Pierre Bourdieu (1983; 2001; 2008; 2009; 2010; 2013) reflects on the issues of *kairós* - the aim of the target, the appropriate moment - of interaction in the field. This bibliographic re-search aimed to discuss the complexity of the right to voice in social spaces through the Bourdean theoretical references.

Keywords: Linguistic Market. Discourse. Linguistic *Habitus*. Power. Interaction.

1 Introdução

Pierre Bourdieu (1930-2002), filósofo e sociólogo francês, foi um dos maiores pensadores do século XX. Diplomou-se em Filosofia, em 1954, pela École Normale Supérieure, instituição de prestígio, fundada em 1794, na qual se formaram, também, outros intelectuais como Louis Pasteur, Louis Althusser, Jean Paul Sartre, Simone Beauvoir, Maurice Merleau-Ponty, Michel Foucault, Jacques Derrida, entre outros. A gama de trabalhos de Pierre Bourdieu está relacionada aos principais campos da filosofia: “filosofia da linguagem, filosofia da ação, epistemologia, filosofia da mente (e corpo), filosofia da ciência, teoria política, filosofia da educação, ética e estética.” (SHUSTENNAN, 1999, p. 3, tradução nossa). A obra de Bourdieu revela as reflexões sobre poder e a reprodução de estruturas de poder, dominação, escola, arte, religião, cultura, mídia e política, e essa densidade temática reverbera no intenso e contínuo interesse de pesquisadores, de diversas áreas, pela leitura de seus escritos.

Bourdieu foi um pensador que se envolvia em debates públicos, pois defendia uma ciência ativa, não balbuciante, conforme dizia. Não defendia “a perspectiva imobilista do processo de reprodução”, mas se dedicou entusiasticamente “a desvendar os mecanismos profundos de poder”, conforme afirma Ortiz no prefácio do livro de Pierre Bourdieu (2001). Guiado por essa preocupação, Bourdieu constrói um sistema teórico que intenciona explicar como funcionam os mecanismos de dominação e poder dentro das estruturas sociais. Lança mão de um diálogo entre o agente e a estrutura para apresentar como se constrói o *habitus*, como se dá o acúmulo de bens simbólicos, de capital linguístico dentro do mercado

linguístico, e como o agente é autorizado para atuar com prestígio e reconhecimento em espaços sociais.

Inspirados pela mesma problemática bourdesiana, abordaremos, de maneira panorâmica, a dinâmica de poder nas estruturas sociais (campo), a importância do conceito de *habitus* como matriz de percepção, o papel do agente autorizado e o mercado linguístico na construção de um momento *kairológico*. O agente autorizado é formado por um *habitus* e atua num mercado linguístico, pois possui capital linguístico acumulado. O mercado linguístico é formado por campos (micro cosmos sociais) que estabelecem os valores simbólicos chancelados e valorizados, os quais definem o pertencimento ou não dos seus membros. O agente autorizado atua com as credenciais do campo em “mercados linguísticos construídos pela valoração e reprodução de estruturas simbólicas que traduzem as possibilidades da linguagem em espaços sociais específicos” (CIRNE; EFKEN, 2018, p. 124).

O artigo está dividido em duas seções: a primeira, discutimos as considerações de Pierre Bourdieu sobre o agente autorizado e sua relação com o *habitus* linguístico e mercado linguístico e; a segunda, as reflexões sobre o *kairós* como a síntese da atuação do agente autorizado chancelado pelo mercado linguístico. Não pretendemos esgotar, no âmbito deste artigo, todo o sistema complexo da teoria de Bourdieu, pois, conforme afirma Lahire (2002, p. 38), confrontar-se com o pensamento de Bourdieu “não significa discutir uma teoria qualquer”, porém, debruçar-se sobre reflexões de legitimidade e exercício de poder e prestígio, nos espaços sociais, se faz necessário em qualquer momento.

2 *Habitus* linguístico e mercado linguístico

A perspectiva analítica bourdesiana é relacional, o que implica uma concepção dialética de agente e estrutura. Essa dinâmica relacional é explicada por Maton (2018, p. 251, tradução nossa) como “uma estrutura entre uma gama de estruturas possíveis”, o que se deve à possibilidade de atuações diversas do agente guiado por um *habitus*, e essas “posições são exploradas em termos do *status* de um agente e recursos (capital) em relação àqueles de outros agentes dentro de um universo social estruturado (campo), ele próprio definido em relação a outros universos sociais”. Para Bourdieu, a dialética ‘subjetivismo e objetivismo’ nos possibilita compreender que “a experiência de um mundo onde tudo parece evidente supõe o acordo entre as disposições dos agentes e as expectativas ou as exigências imanentes ao mundo no qual estão inseridos”. (BOURDIEU, 2001, p. 179).

Tal entendimento de Bourdieu (2001, 2003, 2008) o aproxima de uma postura de uso pragmático da linguagem, ou seja, a linguagem como ação no mundo. Por esse ângulo, a linguagem deve ser vista “como parte das práticas humanas, como parte de uma forma de vida.” (GLOCK, 1997, p. 30). O agente autorizado tem sua chancela linguística viabilizada pela obediência às regras práticas, advindas, reconhecidas e fortalecidas pelo(s) campo(s) e essas regras práticas, de acordo com Bourdieu, são adquiridas por um *habitus*, que é um “princípio gerador de improvisações reguladas” e “produz práticas que tendem a reproduzir as regularidades imanentes nas condições objetivas da produção de seu princípio gerador”. (BOURDIEU, [1972] 2013, p. 78, tradução nossa). Bourdieu (1983, p. 65) conceitua *habitus* como:

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações — e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças à transferência analógica de esquemas, que permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidos por esses resultados.

O “princípio regulador”, ao reproduzir regularidades imanentes, forma um mercado linguístico. Este funciona valorizando competências linguísticas que são orquestradas “por meio de processos sociais e políticos” (MEDINA, 2007, p. 128) impondo sua legitimidade e valor. Para Bourdieu, essas competências só teriam sentido “enquanto exista para elas um mercado” (BOURDIEU, 2003, p. 131) e nele “cada campo traça os limites entre o dizível e o indizível (ou inominável), o que propriamente o define”. (BOURDIEU, 1983, p. 174). O *habitus* ‘sinaliza’ e constrói/reproduz o sistema de apreciações e possibilidades dos ‘ditos’ dos agentes, de acordo com sua posição no campo e com o capital simbólico que possuem. Esses ditos serão acatados, prestigiados ou censurados no(s) campo(s) “dentro dos limites da censura tal como ela se impõe ao ocupante dessa posição” (BOURDIEU, 1983, p. 174). O campo exerce uma espécie de ‘filtro’ dos valores simbólicos que têm pertencimento e são estimulados e apreciados, sendo assim, os “ditos” se apresentam alinhados a esse mercado linguístico.

Para Bourdieu, não é possível pensar na estruturação de um mercado linguístico a-histórico ou apartado de uma reflexão sobre o impacto das disposições

históricas sobre a forma do agente atuar no mundo prático. Assim, os fatores que regem a ‘escolha’ e ‘decisão’ do indivíduo, em sua forma de se expressar ou seu repertório linguístico, e etc., são transpostos dessas disposições geradoras socialmente modeladas — *habitus* linguístico — ou seja, “até a mente é social”. (CHAUVIRÉ; FONTAINE, 2003, p. 10, tradução nossa). A atuação do agente autorizado no campo não é produto de um cálculo friamente realizado e o indivíduo não tem a plena e total consciência da importância de cada dito seu. Conforme Kłos-czerwińskiej (2015, p. 192, tradução nossa), “[...] essa intenção inconsciente — que parece ser uma formulação paradoxal, mas no caso de Bourdieu não é — produz efeitos razoáveis e sensatos”, produz uma ‘obediência’ às regras de determinado tempo e espaço num mercado linguístico. O agente sincroniza suas ações e ditos numa dinâmica esperada, internalizada e externalizada, devido ao *habitus*, sem se dar conta ou necessitar de ‘racionalizar’ cada palavra a cada/todo momento. Segundo Kłos-czerwińskiej (2015, p. 190, tradução nossa), o agente “empreende suas ações e pensamentos, acreditando que são totalmente independentes de conexões com as influências de *background*, assumindo que essas ações e pensamentos são completamente pessoais; que elas são suas próprias ações”. Assim Bourdieu (2001, p. 169) afirma:

Isto significa afirmar que o agente nunca é por inteiro o sujeito de suas práticas: por meio das disposições e da crença que estão na raiz do envolvimento no jogo, quaisquer pressupostos constitutivos da axiomática prática do campo (a *doxa* epistêmica, por exemplo) se introduzem até nas interações aparentemente mais lúcidas. O senso prático é o que permite agir de maneira adequada [...]

sem interpor ou executar um “é preciso”, uma regra de conduta.

Podemos pensar, então, num mercado linguístico dotado de regras e *habitus* que interiorizados e externalizados permitem ao agente executar no mundo social¹ suas credenciais de aprovação e aceitação dos ditos, num exercício do que Bourdieu chama de economia de trocas linguísticas. Portanto, há mais em jogo do que as palavras *per se* ou um conjunto de pronúncias e escrita gramaticalmente corretas. Bourdieu (2008, p. 42) afirma que “a competência suficiente para produzir frases suscetíveis de serem compreendidas pode ser inteiramente insuficiente para produzir frases suscetíveis de serem escutadas”. Ou seja, o poder de prestígio e da valorização

¹ Acreditamos ser importante pontuar a relevância e preocupação constante que Bourdieu (2001, p.16) concedia a compreensão da vida social, até pelo seu bem exercido ofício de sociólogo, aos estudos da vida social como ela é. Sua busca por uma ‘razão prática’ mostra-se em destaque na sua fala em *Meditações pascalianas*: “O sociólogo tem a particularidade, de modo algum um privilégio, de ser aquele que possui a tarefa de dizer as coisas do mundo social, dizendo-as, tanto quanto possível, tal como elas são: nada disso destoa do normal, do trivial. O que torna sua situação paradoxal, por vezes impossível, é o fato de estar cercado de pessoas que ignoram (ativamente) o mundo social e nada falam a seu respeito — eu seria o último a censurar nos artistas, nos escritores, nos sábios, o fato de se devotarem por inteiro ao seu mister —, ou, então, que se inquietam e falam, por vezes até bastante, mas sem saber grande coisa a respeito (isso ocorre inclusive entre alguns sociólogos titulados): com efeito, quando associada à ignorância, à indiferença ou ao desprezo, não é raro que a obrigação de falar imposta pela sedução de uma notoriedade logo adquirida ou pelos modos e modelos do jogo intelectual acabe fazendo com que as pessoas falem do mundo social em toda parte, mas como se não falassem disso, ou como se falassem na verdade para melhor esquecer-lo ou fazê-lo esquecer, numa palavra, negando-o”.

do dito não está restrito unicamente ao uso de estruturas gramaticais ‘corretas’, excluindo e separando o peso do ambiente e da dinâmica social. Cirne e Efken (2018, p. 124) afirmam que Bourdieu (2008) considera tal separação radical “como uma falha e a compara ao cavalo de Troia, pois enfraquece a relevância da atuação do falante na estrutura social, desqualifica as condições institucionais que validam as palavras e que dão a elas seu real significado.”

É justamente nessas concepções que se baseiam os atos e as palavras ditas pelos agentes no campo, e não há como ser independente das influências externas, omitindo as condições sociais que constroem as possibilidades de pertencer ao mercado linguístico de dado campo. Como assevera Bourdieu (2001, p. 21), “a lógica específica de um campo se institui estado incorporado sob a forma de um *habitus* específico, [...] que praticamente jamais é posto ou imposto de forma explícita”. Sendo o campo possuidor de uma lógica específica de funcionamento, há de se ter, como consequência dessa lógica, mecanismo de proteção e validação das suas características e, ao mesmo tempo, o afastamento de algo que venha a enfraquecer o poder simbólico do mercado linguístico. Assim, Bourdieu (2008, p. 24) afirma que há a imposição de “um sistema de sanções e de censuras específicas”. Ele pontua (1983, p. 172, grifo do autor) que,

a forma e o conteúdo do que pode ser dito e do que é dito dependem da relação entre um *habitus* linguístico que se constitui na relação com um campo de um determinado nível de aceitabilidade (isto é, um sistema de chances objetivas de sanções positivas ou negativas para as *performances* linguísticas) e um

mercado linguístico definido por um nível de aceitabilidade mais ou menos elevado.

Na dinâmica de um *habitus* linguístico, é construído o mercado linguístico, que define o “preço” dos produtos linguísticos oferecidos “por um interlocutor socialmente caracterizado e os produtos simultaneamente propostos num espaço social determinado”. (BOURDIEU, 2008, p. 24). Nesta confecção de uma economia linguística, os agentes atuam num mercado linguístico adaptando-se às leis de formação de preços da economia linguística. Bourdieu (1983, p. 173) argumenta que a distribuição do capital linguístico só pode ocorrer numa “circunstância determinada” e, além disso, deve ser levada em consideração a posição dos envolvidos (e seus respectivos capitais) na estrutura:

A razão de ser de um discurso nunca reside completamente na competência propriamente linguística do locutor; ela reside no lugar socialmente definido a partir do qual ele é proferido, isto é, nas propriedades pertinentes de uma posição no campo das relações de classe ou num campo particular, como o campo intelectual ou o campo científico.

Para Bourdieu (2001), o jogo social e a lógica das ações não são um “jogo de sorte”, pois esses jogos sociais são um acúmulo de percepções e “entendimentos” de diversas gerações e momentos históricos. Ele (2001, p. 262) compara esse jogo com a de um jogador que acumula progressivamente pontos “positivos e negativos”, “um capital mais ou menos importante, o qual orienta suas estratégias no jogo, conforme as tendências (à prudência, à

audácia etc.) inerentes a seu *habitus* e ligadas, em certa medida, ao volume desse capital". Bourdieu (2001, p. 167) destaca que essa função do *habitus*,

[...] restitui ao agente um poder gerador e unificador, construtor e classificador, lembrando ainda que essa capacidade de construir a realidade social, ela mesma socialmente construída, não é a de um sujeito transcendental, mas a de um corpo socializado, investindo na prática dos princípios organizadores socialmente construídos e adquiridos no curso de uma experiência social situada e datada.

Para Bourdieu, o poder do *habitus* é 'gerador', 'unificador', 'classificador' e capaz de 'construir a realidade social'. Embora tenha enfatizado os mecanismos de reprodução, sua teoria não representa um estímulo à resignação, pois o campo "é sensível às ações daqueles que o integram" (MIGUEL, 2016, p. 130). Os agentes que incorporaram, por exemplo, o *habitus* linguístico de determinado espaço social são dotados de habilidades e atitudes nele apreciadas, o que coloca em desvantagem os que não possuem os bens simbólicos avaliados como positivos. Essa postura de Bourdieu em explicar os mecanismos de reprodução e valoração do *habitus linguístico*, no mercado da "mais valia", desconstrói a ilusão do comunismo linguístico de que a todos é dado o direito à palavra. Bourdieu, falando das dinâmicas internas desse campo, as caracteriza como "jogos sociais" que possuem uma história "independente das consciências e das vontades dos jogadores"²:

² "*Habitus* funciona como uma "caixa-preta" que transforma todos os

Os que falam em igualdade de oportunidades esquecem que os jogos sociais, o jogo econômico, mas também os jogos culturais (campo religioso, campo jurídico, campo filosófico etc.) não constituem *fair games*³: sem ser propriamente viciada, a competição se assemelha a uma corrida de handicap cuja duração remontaria a diversas gerações anteriores [...]. (BOURDIEU, 2001, p. 262).

Por isso, o *habitus*, sendo “um sistema de disposições duráveis e transponíveis”, reproduzirá agentes que terão as mesmas inclinações para gostos e atitudes e “compartilharão disposições semelhantes; eles tenderão a pensar, agir e julgar o mundo social de maneiras semelhantes, adquirem, além disso, um senso prático semelhante de situações sociais, ou um 'sentimento pelo jogo' homogêneo” (LOYAL, 2017, p. 24, tradução nossa). O modelo de Bourdieu, ao explicar os aspectos de reprodução e valorização do(s) capital(is) no mundo social, parece condenar à subserviência todos (agentes e estruturas sociais) que estão à margem dos campos, os quais já sedimentaram seus espaços de poder e suas credenciais de prestígio. Neste sentido, Bourdieu resgata os elementos da sua teoria, *habitus*, agente, campo e poder, para explicar a possibilidade da mudança e transformação de cenários sociais baseados, também, na busca pelo prestígio e ascensão no campo:

mecanismos e todo o material de dados que foram introduzidos nela, de acordo com esquemas que também são moldados com base no funcionamento desta “caixa-preta”. O que é liberado desta caixa funciona recursivamente e forma as regras de trabalho desta caixa”. (KŁOS-CZERWIŃSKIEJ, 2015, p. 192, tradução nossa).

³ Fair games: um jogo justo, um jogo limpo, jogo equitativo.

[...] o agente, pela luta no jogo, pode influenciar no campo, mantendo ou provocando mudanças. Assim, tanto o agente é influenciado pela estrutura objetiva como o campo também recebe influências desse agente. Dessa forma, apreender a teoria de Bourdieu pelo viés da reprodução social seria ignorar a ação do agente dentro do campo e a dialética presente no conhecimento praxiológico⁴ (ALMEIDA, 2005, p. 143).

A compreensão dessa dinâmica da plasticidade das ações dentro do contexto do que Bourdieu descreve como “interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade”⁵ (Cf. BOURDIEU, 1983) serve como conscientização da chancela dos bens simbólicos (Cf. BOURDIEU, 2010). Ele afirma que esse movimento dialético torna possível modificação e revisão no campo e que “esses princípios práticos de organização do dado são construídos

⁴ Conforme Bourdieu (1983, p. 46-47, grifo do autor), o conhecimento praxiológico é a possibilidade da plasticidade das ações do agente na estrutura social, com base no conceito de *habitus* e campo: “Enfim, o conhecimento que podemos chamar de *praxiológico* (que) tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações *dialéticas* entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade.”

⁵ Para compreendermos a proposta dialética (agente e estrutura) de Bourdieu (2001, p. 166) tomemos o relato que ele fornece como exemplo: “Em outros termos, se o agente possui uma compreensão imediata do mundo familiar, isso ocorre porque as estruturas cognitivas aplicadas por ele constituem o produto da incorporação das estruturas do mundo no qual ele age, e também porque os instrumentos de construção empregados para conhecer no qual ele age, e também porque os instrumentos de construção empregados para conhecer o mundo são construídos pelo mundo”.

a partir da experiência de situações frequentemente encontradas e suscetíveis de serem revisadas e rejeitadas em caso de fracasso repetido”. (BOURDIEU, 2001, p. 167).

As modificações e atualizações no *habitus* podem decorrer, por exemplo, de “diversidade de condições”, neste caso, os agentes que estão dentro do campo podem envelhecer e suas práticas se tornarem obsoletas, exigindo alterações, ou outros agentes, pela forma do capital acumulado, podem “exigir disposições diferentes”, desta maneira, a “diversidade correspondente de *habitus* e a multiplicidade de deslocamentos intra e intergeracionais de ascensão ou declínio fazem com que os *habitus* possam se defrontar, em inúmeros casos, com condições de atualização diferentes daquelas em que foram produzidas”. (BOURDIEU, 2001, p. 196).

3 O *kairós*: falar a propósito, acertar o alvo

Bourdieu (2003, 2009), em seus livros “Questões de sociologia” e “O senso prático”, fala do *kairós*, que “na origem, é mira do alvo”, fazendo referência aos sofistas como aqueles que ensinavam a “falar a propósito”. Nesse caso, o agente no campo utiliza o *kairós*: ou seja, fala o que se deve e o que se espera a propósito de uma lógica de ação no mercado linguístico. *Kairós* é um processo contínuo de ajustamento da produção de sentido na linguagem. (WHITE, 1987). Poulakos (2002, p. 89, tradução nossa), quando se refere aos estudos sobre *kairós*, na retórica Grega, destaca que “sua importância reside no fato de que a percepção da oportunidade de uma oração aumenta sua força e eficácia”. Argumenta Bourdieu (2009, p. 53, grifo do autor):

Não é por acaso que os sofistas (particularmente Protágoras⁶ e Górgias de Platão) que diferentemente dos puros gramáticos, pretendiam garantir e transmitir o domínio prático de uma linguagem de ação, foram os primeiros a colocar como tal o problema do *kairós*, do momento oportuno ou favorável e das palavras justas e apropriadas ao lugar e ao momento: retóricos, estavam predispostos a fazer uma filosofia da prática da linguagem como *estratégia* (é significativo que sentido original da palavra *kairós*, ponto final e, portanto, mortal, e ponto visado, alvo, objetivo, esteja tão presente em muitas expressões da linguagem ordinária: disparar um tiro, uma tirada espirituosa, palavras que encantam, que acertam o alvo, etc).

Com a descrição do *kairós*⁷, Bourdieu situa a

⁶ “Protágoras foi, diz Diógenes (9,52), “o primeiro a distinguir os tempos do verbo, a expor a importância do 'momento certo' (kairos), a conduzir debates e a introduzir os contestantes nos truques da argumentação” (KENNEDY, 1994, p. 17, tradução nossa).

⁷ É interessante o uso do termo *kairós* para explicar a lógica da ação dos agentes dentro do campo e compreender um pouco a história do uso do termo. Vejamos o relato de Hawhee (2004, p. 65, tradução nossa): “O Livro 23 da Ilíada apresenta uma série de concursos realizados entre os gregos em homenagem ao seu camarada morto Pátroclo. A parte maratona dos jogos coloca três homens um contra o outro: “o rápido Ajax, astuto Odisseu, e o filho de Nestor, Antíloco, o mais rápido de todos os jovens do exército de homens” (Ilíada 23.839-41). Assim que a corrida começa, o Ajax entra rapidamente na liderança com Odisseu logo atrás, com os pés pousando nos trilhos do Ajax “antes de a poeira baixar” (849). Enquanto a multidão grita por Ulisses para vencer, Odisseu faz uma oração silenciosa a Athena, pedindo-lhe que ajude os pés dele. Enquanto os dois estão correndo em direção ao final - apenas na hora certa - Athena se envolve em uma astúcia de

problemática do mercado linguístico do “falar a propósito”, “atingir o alvo” dentro da dinâmica e da lógica do campo situando a linguagem na dinâmica do poder, ou seja, a habilidade de saber falar de pouco valerá, se não acertar o alvo. Ao falar sobre o *kairós*, Hawhee (2005, p. 65, 66, tradução nossa) afirma que é o “tempo retórico, pois a qualidade, a direção e o movimento dos encontros discursivos dependem mais das forças que atuam em um determinado momento [...]”. Com isso, entende-se que a posição de Pierre Bourdieu é uma crítica às pressuposições que reduzem a linguagem a um ato apenas de execução.

Sendo *kairós* “estratégia”, assume-se, então, a proposta da arena do conflito, pois quem estaria apto para o momento kairológico? Para Bourdieu, o agente autorizado que acumula credenciais de prestígio, ele irá operar a linguagem “certa” – ou seja, usará as palavras que encantam e acertam o alvo. O acertar o alvo, em nossa concepção, é a sintonia das trocas linguísticas na interação, pois “trocas linguísticas – são também relações de poder simbólico em que as relações de poder entre os falantes ou seus respectivos grupos são atualizadas” (BOURDIEU, 2010, p. 37, tradução nossa) num momento *kairológico*. O agente autorizado seria uma ‘porta de acesso’ para validação das competências linguísticas externalizadas em dado momento histórico e lugar, “a substância do [...] discurso

intervenção: ela cria um caminho para Odisseu vencer ao tropeçar em Ajax enquanto faz os pés e as mãos de Odisseu brilharem para a vitória. Este incidente mostra Athena desdobrando sua mente com atenção ao tempo: se ela tivesse intervindo cedo demais, o Ajax poderia ter se recuperado por um tempo e ganhar; tarde demais, e a corrida teria terminado. Em outras palavras, Atena estava sintonizada com as circunstâncias imanentes da corrida. Esse tipo de tempo - tempo como tempo - é referido no grego antigo como *kairós*.”

[...] não é mais do que um testemunho [...] da garantia da delegação” (BOURDIEU, 2010, p. 107, tradução nossa).

Podemos compreender que o ‘falar a propósito’ ou ‘disparar um tiro’ linguístico é uma busca pelo monopólio da validação, pois há uma reivindicação do direito de falar bem como de julgá-lo. Ou seja, há a produção e a validação no mesmo campo e no mesmo mercado linguístico. Segundo Bourdieu (2010, p. 39, tradução nossa), “o que circula no mercado linguístico não é a ‘linguagem’ como tal, mas sim discursos estilisticamente marcados [...] em sua produção [...]”. O que determinará o sucesso do falar a propósito será “colocar em prática um repertório de dispositivos ou técnicas, enfim, toda a arte de desempenho” (BOURDIEU, 2013, p. 20, tradução nossa) advindo de um *habitus* interiorizado e externalizado nos campos chancelados para legitimar os produtos linguísticos. Saber o que falar quer dizer estar engendrado nas condições institucionais de produção e recepção (Cf. BOURDIEU, 2008, 2010), numa dialética reflexiva que “dita as formas disponíveis para uso na comunicação de diferentes significados, bem como dita o padrão e estilo da comunicação” (KŁOS-CZERWIŃSKIEJ, 2015, p. 205, tradução nossa).

A ocorrência kairológica no momento da interação pode ser traduzido nos seguintes termos: “o ponto é que uma palavra atinge seu efeito social. Em consequência, um conceito que mescla eficácia e felicidade ou adequação seria bastante útil para denotar essa fusão praxeológica específica da pragmática e da semântica”. (SCHÄFER, 2015, p. 216, tradução nossa). A precisão demandada pelo *kairós* está envolta numa rede composta da agência e da estrutura que é alimentada por um *background* de bens simbólicos, *habitus* linguísticos, no qual se estabelece seu

mercado. A estratégia linguística coloca-se em ação, construída pelos pressupostos de legitimidade do espaço social em que está integrada e validada, atuando como operadora da lógica prática.

O *kairós* — momento oportuno ou favorável e das palavras justas e apropriadas ao lugar e ao momento —, parece ser dentro da proposta analítica bourdesiana a síntese, imprescindível e indispensável, da posição do agente autorizado no campo e seu respectivo capital simbólico acumulado no mercado linguístico apoiado pelas relações que lhe validam as palavras no momento de interação.

4 Considerações Finais

Neste artigo, tentamos pensar sobre alguns conceitos-chave construídos e mobilizados por Bourdieu para investigar e compreender o funcionamento das sociedades contemporâneas, sua dinâmica interna complexa e marcada por crescentes lutas por poder e posições privilegiadas de tomada de decisão e de acumulação de capitais simbólicos. Para o pensador francês, trata-se, principalmente, de luta por bens simbólicos, entre os quais, domínios sobre o uso da linguagem, linguagem como prática social, em determinados campos, esses funcionando segundo regras e normas produzidas e reproduzidas pelos seus integrantes.

A dinâmica linguística utilizada nos campos sociais é explicada a partir do conceito de *habitus*, entendido como uma espécie de matriz reguladora de percepções, condutas, avaliações e valorações, que confere uma certa estabilidade e continuidade às ações efetivadas nos

intercâmbios dos participantes dos jogos de troca de capitais simbólicos.

Nestes jogos, assim nos mostra Bourdieu, um agente autorizado a falar e participar da luta por poder e prestígio, deve saber usar o seu capital linguístico de forma certa, atingindo o alvo visado, falar a propósito e de acordo com determinadas circunstâncias favoráveis ao momento, ao momento *kairológico*, o agente credenciado consegue acertar o alvo e fazer seu capital linguístico ser impactante, convincente e ampliar o seu prestígio em um determinado campo, provocando um efeito social capaz de modificar ou fortalecer *habitus* vigentes.

Referências

ALMEIDA, Lenildes Ribeiro da Silva. "Pierre Bourdieu: a transformação social no contexto de "A reprodução"". **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ.** UFG, 30 (1): 139-155, jan./jun. 2005, p. 139-155.

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu**. Tradução de Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Tradução Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. Tradução de Sérgio Miceli. São Paulo: EDUSP, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Language e Symbolic Power**. Cambridge: Polity Press, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Outline of a theory of practice**. Tradução de Richard Nice. Cambridge: Cambridge University Press, [1972], 2013.

CATANI, Afrânio Mendes. "As possibilidades analíticas da noção de campo social". **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 189-202, jan./mar. 2011.

CHAPMAN, Siobhan; ROUTLEDGE, Christopher. **Key thinkers in linguistics and the philosophy of language**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005.

CHAUVIRÉ, Christiane; FONTAINE Olivier. **Le vocabulaire de Bourdieu**. Paris: Elipses Édition, 2003.

CIRNE, Alexcina Oliveira; EFKEN, Karl Heinz. "Análise crítica da construção discursiva de um "voto" polêmico no processo do impeachment de Dilma Rousseff: uma perspectiva bourdesiana sobre a luta pelo poder político". **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 22 , n. 45, p. 1-227, 2º quadrimestre, 2018, p. 123-136.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Tradução de Helena Martins. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1997.

GRENFELL, Michael. **Pierre Bourdieu: agent provocateur**. London: Continuum, 2004.

HAWHEE, Debra. **Bodily arts: rhetoric and athletics in ancient Greece**. Austin: University of Texas Press, 2004.

KENNEDY, George A. **A new history of classical rhetoric**. United Kingdom: Princeton University Press, 1994.

KŁOS-CZERWIŃSKIEJ, Paulina. **Discourse: an Introduction to Van Dijk, Foucault and Bourdieu**. Washington: Wrocław,

2015.

LAHIRE, Bernard. "Reprodução ou prolongamentos críticos?" **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 78, abril, 2002, p. 37-55.

LOYAL, Steven. **Bourdieu's Theory of the State: a critical introduction**. New York: Palgrave Macmillan, 2017.

MATON, Karl. "Thinking like Bourdieu: completing the mental revolution with legitimation code theory". *In*: ALBRIGHT, James; Deborah HARTMAN; WIDIN, Jacqueline. (Org.) **Bourdieu's field theory and the social sciences**. Australia: Palgrave Macmillan, 2018.

MEDINA, José. **Linguagem: conceitos-chave em filosofia**. Tradução Fernando José R. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MIGUEL, Luis Felipe. **Consenso e conflito na democracia contemporânea**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

POULAKOS, John. "Kairos in Gorgias' Rhetorical Compositions". *In*: SIPIORA, Phillip; BAUMLIN James. S. **Rhetoric and Kairos: Essays in History, Theory, and Praxis**. New York: State University of New York Press, 2002.

SCHÄFER, Heinrich Wilhelm. **Habitus Analysis 1: Epistemology and Language**. Switzerland: Springer VS, 2015.

SHUSTENNAN, Richard. **Bourdieu: a critical reader**. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.

WHITE, Eric Charles. **Kaironomia: on the will-to-invent**. London: Cornell University Press, 1987.

Alexcina Oliveira Cirne

Doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Membro do Grupo de Pesquisa em Análise Crítica do Discurso - ACD do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP.

E-mail: alexcina.cirne@unicap.br

Karl Heinz Efken

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2003). Professor Adjunto IV da Universidade Católica de Pernambuco.

E-mail: karl.efken@unicap.br

Submetido: 16/06/2019

Aprovado: 20/08/2019